

Suportes e mediadores:
a circulação transatlântica dos
impressos (1789-1914).

Organizadoras:
Lúcia Granja
Tania Regina de Luca

Digo: o real não está na saída nem na chegada: ele se dispõe para a gente é no meio da travessia.

João Guimarães Rosa, Grande sertão: veredas

Sumário

NOTA INTRODUTÓRIA

(Márcia Abreu e Jean-Yves Mollier) 05

INTRODUÇÃO

(Lúcia Granja e Tania Regina de Luca) 09

PARTE I – Impressos e Atores

Uma livraria internacional no século XIX, a livraria Garnier Frères

(Jean-Yves Mollier) 24

Chez Garnier, Paris-Rio (de Homens e de Livros)

(Lúcia Granja) 42

Livreiros, Impressores e Autores: organização de redes mercantis e circulação de ideias entre a Europa e a América (1799-1831)

(Lucia Maria Bastos P. Neves e Tania Maria Bessone da C. Ferreira) 62

Edição e tradução de livros didáticos para a Academia Real Militar do Rio de Janeiro e sua circulação no mundo luso-brasileiro (1808-1833)

(Rogério Monteiro de Siqueira) 86

Novelistas e livreiros: o “milagre” da multiplicação do impresso

(José Augusto dos Santos Alves) 110

Traços da edição portuguesa na viragem do século XIX para o século XX

(João Luís Lisboa e Daniel Melo) 130

PARTE II – Impressos e Suportes

Revistas de cultura no Brasil do oitocentos: trânsitos e apropriações, O caso da *Revue des Deux Mondes* e da *Revista Brasileira*

(Eliana de F. Dutra) 153

Os intelectuais e a cultura democrática: a *Vida Portuguesa* (1912-1915)

(Adelaide Machado) 180

Sobre *Vespas*, *Farpas* e *Ferrões*: caminhos da crônica no Brasil

(Mariana da Silva Lima) 211

As revistas luso-brasileiras (1897-1914): A *Edição Quinzenal Ilustrada do Jornal*

| | |
|--|-----|
| <i>do Brasil (1897-1898) e o Brasil-Portugal: Revista Ilustrada (1899-1914). O universo jornalístico e literário transatlântico</i> | |
| (Júlio Joaquim Rodrigues da Silva) | 230 |
| <i>A Ilustração (1884-1892): caracterização e condições de possibilidade.</i> | |
| (Tania Regina de Luca) | 252 |
| <i>Agentes da circulação de jornais franceses no Brasil (passagem do século XIX ao XX)</i> | |
| (Valéria Guimarães) | 278 |
| <i>O texto e imagem nas revistas de moda brasileiras do século XIX.</i> | |
| (Ana Cláudia Suriani da Silva) | 310 |

Capítulo 10: As revistas luso-brasileiras (1897-1914): A Edição Quinzenal Ilustrada do Jornal do Brasil (1897-1898) e o Brasil-Portugal: Revista Ilustrada (1899-1914). O universo jornalístico e literário transatlântico.

Júlio Rodrigues da Silva

O estudo da circulação e recepção de periódicos é uma componente essencial do projeto de cooperação internacional “A circulação transatlântica dos impressos – a globalização da cultura no século XIX”, coordenado por Márcia Abreu (UNICAMP) e Jean-Yves Mollier (UVSQ). Nesta perspectiva se insere o presente texto, estruturado em torno da análise de duas revistas ilustradas: A Edição Quinzenal Ilustrada do Jornal do Brasil (1897-1898) e o Brasil-Portugal: Revista Ilustrada (1899-1914). A emergência da cultura de massas na segunda metade do século XIX e a sua afirmação no século XX não deixaram de ter um forte impacto sobre a circulação das publicações periódicas.⁴⁷⁵ As revistas ilustradas inserem-se neste processo global de transformação da imprensa oitocentista e novecentista introduzindo a imagem de forma dinâmica através dos múltiplos processos de ilustração⁴⁷⁶. No entanto, o público destas publicações era mais restrito e elitista correspondendo ao modelo das revistas da *Belle Époque*⁴⁷⁷.

Os dois periódicos testemunham de forma exemplar a complexa relação que se estabelece entre os leitores, jornalistas e editores de Portugal e Brasil no final do século XIX e inícios do seguinte. Trata-se de considerar a relevância das trocas culturais entre os dois países, através da compreensão da importância dos autores e textos publicados nas duas revistas ilustradas, sem deixar de considerar a relevância, para além dos portugueses e brasileiros, de autores de outras nacionalidades principalmente francesa e inglesa. Os dois órgãos da imprensa periódica permitem o acesso aos públicos de Portugal e Brasil de informação variada sob a respectiva produção cultural, nomeadamente literária e a visualizar a circulação dos escritos dos dois países nas duas margens do Atlântico. De certa maneira, desempenham o papel de difusores e mediadores privilegiados dos livros e autores europeus e sul-

⁴⁷⁵ MOLLIER, Jean-Yves, “L’émergence de la culture de masse dans le monde”, *Culture de masse et culture médiatique en Europe et dans les Amériques 1860-1940*. Paris, 2009, pp.65-80.

⁴⁷⁶ JEUNE, Simon, “Les revues littéraires”, *Histoire de l’édition française*. Paris, vol. III, 1990, pp.455-460.

⁴⁷⁷ LEYMARIE, Michel, “Introduction. La belle époque des revues?”, *La Belle époque des Revues 1880-1914*. Versailles Saint-Quentin-en-Yvelines, 2002, pp.9-25.

americanos, contribuindo para reforçar a identidade cultural brasileira - um dos objectivos primordiais dos dois periódicos.

Os olhares luso-brasileiros sobre as realidades culturais partilhadas, cruzam-se nas páginas dos múltiplos órgãos da imprensa luso-brasileira, editados em Portugal e no Brasil, criando múltiplas complicitades entre escritores, jornalistas e editores dos dois países. Deste ponto de vista temos de ter em consideração duas questões: a importância essencial para Portugal do mercado brasileiro no plano literário e jornalístico e a relativa facilidade com que os profissionais da imprensa se deslocavam e trabalhavam nos dois lados do Atlântico. Podemos utilizar os testemunhos dos próprios editores e jornalistas portugueses, veiculados num protesto conjunto contra as pautas aplicadas aos livros e periódicos brasileiros entrados em Portugal. Os redactores do *Brasil-Portugal* reconhecem a catástrofe do ponto de vista cultural e económico que significaria o encerramento do mercado brasileiro para Portugal.

Não se trata de nenhum protesto, eivado de qualquer tipo de nacionalismo revanchista mas, pelo contrário, a constatação da razão que cabe aos deputados brasileiros em quererem aumentar os direitos sobre os livros e periódicos importados de Portugal. Os enormes direitos lançados sobre os livros e periódicos do Brasil, não têm correspondência nos baixos direitos pagos pelos congéneres importados de Portugal, o que é uma óbvia injustiça que os brasileiros têm toda a razão em querer corrigir. O protesto insiste na redução imediata dos direitos aplicados em Portugal aos livros e periódicos brasileiros, com o objectivo de expandir nos dois países, do ponto de vista comercial a indústria e de cada um e numa perspectiva civilizacional, a livre circulação do pensar e sentir das duas nacionalidades, através dos trabalhos dos seus escritores, poetas e sábios, desenvolvendo através desta interacção o nível intelectual de cada país numa mesma comunhão de ideias ⁴⁷⁸ .

A compreensão desta interacção entre as realidades, económicas dos dois países justificam plenamente o apelo dos livreiros, dos editores e dos encadernadores lisboetas ao ministro dos negócios estrangeiros português, transcrito nas páginas do *Brasil-Portugal*, salientando os prejuízos para a indústria nacional, apesar dos intuitos patrióticos da promulgação da pauta. A tomada de decisão neste ponto, pelo governo luso atinge fortemente os interesses nacionais, pois as convenções assinadas com a

⁴⁷⁸ NORONHA, Augusto Vidal de Castilho Barreto; VÍTOR, Jaime & TAVARES, José Lorjó. “Publicações Literárias e Direitos Aduaneiros”. *Brasil-Portugal*. Lisboa, n.º. 44, nov.1900, pp.306.

França colocam ironicamente os editores franceses numa situação privilegiada no próprio mercado nacional. No mesmo sentido vão as queixas sobre as tarifas das permutas dos impressos entre Portugal e o Brasil, excessivas, desiguais e prejudicando o intercâmbio intelectual dos dois países. Problema semelhante coloca-se aos entraves colocados à importação de matérias-primas, nomeadamente das percalinas necessárias à encadernação dos livros, o que mais uma vez prejudica os encadernadores portugueses beneficiando os concorrentes franceses. Assim sendo, compreende-se bem os apelos finais para corrigir estes problemas, feitos simultaneamente ao ministro dos Negócios Estrangeiros e ao das Obras Públicas ⁴⁷⁹.

A importância do mercado literário brasileiro para Portugal implicava também uma interdependência profissional de jornalistas e escritores dos dois lados do Atlântico. Assim sendo, será relevante, para a compreensão da articulação destas múltiplas visões, debruçarmo-nos sobre dois casos específicos, praticamente contemporâneos, que nos permitem analisar a complexidade destes relacionamentos transatlântico. Começaremos pela *Edição Quinzenal Ilustrada (1897-1898) do Jornal do Brasil*, revista ilustrada criada por iniciativa de um grupo de portugueses, luso-brasileiros e brasileiros. Trata-se do projecto do *Jornal do Brasil* do Rio de Janeiro de penetração no mercado europeu, neste caso o português, numa linha de expansão do respectivo grupo empresarial, aproveitando os contactos jornalísticos existentes e a língua comum ⁴⁸⁰. O redactor-chefe, Fernando Mendes de Almeida, garantia o empenho da editora brasileira e a seriedade do empreendimento, pelo menos de forma simbólica. A gestão quotidiana da revista recaía nos directores portugueses: Jaime Vítor (1855-?) e o Visconde de São Boaventura (1855-1910). Os dois jornalistas estavam emocional e profissionalmente ligados ao Brasil tendo conhecido e trabalhado no país, embora com itinerários pessoais diferentes.

Jaime Vítor (1855-?) foi editor e redactor, com Ernesto Bartolomeu, dos *Perfis contemporâneos: retractos, biografias e literatura* (1895-1901), trabalhou, com Pinheiro Chagas e Gervásio Lobato, no *Diário da Manhã* e era correspondente iterário em Lisboa do *Jornal do Brasil* do Rio de Janeiro. Além disso, traduziu e foi responsável, com Gervásio Lobato e David Corazzi, de romances populares que tiveram grande êxito na época. Colaborou em várias revistas ilustradas ao longo das

⁴⁷⁹ NORONHA, Augusto Vidal de Castilho Barreto; VÍTOR, Jaime & TAVARES, José Lorjó, “As publicações portuguesas no Brasil”. *Brasil-Portugal*. Lisboa, n.º 46, dez. 1900, pp.2

⁴⁸⁰ ALMEIDA, Fernando Mendes de, *Jornal do Brasil: Edição Quinzenal Ilustrada*. Lisboa, Mendes & Cia, 1897-1898.

últimas décadas do século XIX, das quais se destacou o *Brasil-Portugal* (1899-1914), de que, assumiu a direcção juntamente com José Lorjó Tavares e Augusto de Castilho entre 1899 e 1912, tendo emigrado para o Brasil em 1912 e passando a integrar os quadros do *Jornal do Brasil*. Na sequência das Comemorações do Tricentenário de Camões (1880), nas quais participou, realizou uma edição manuscrita dos *Lusíadas* contando com a participação das principais figuras da cultura portuguesa e brasileira. Com o intuito de completar a recolha das contribuições das personalidades do Brasil viajou, em 1883, para o Rio de Janeiro, tendo sido bem recebido pelo imperador e a família imperial. Aliás, a colaboração de D. Pedro II, da princesa D. Isabel, do conde de Eu e das elites brasileiras, ou luso-brasileiras, foram fundamentais para o sucesso da iniciativa.⁴⁸¹

O Visconde de São Boaventura, Boaventura Gaspar da Silva, com uma formação académica inacabada na Universidade de Coimbra, colaborou na redacção de diversos periódicos brasileiros. Foi, ainda, fundador da *República das Letras* (1876) e do *Diário Mercantil* de S. Paulo (1884). Participou activamente na campanha abolicionista, sendo partidário da monarquia brasileira e crítico da República Velha (1899-1930) nos seus primeiros anos⁴⁸². Embora os directores fossem monárquicos, em 1897 adoptaram uma posição de neutralidade política face ao Brasil, apoiando o presidente Prudente de Moraes (1841-1902) e, posteriormente, a eleição de M. F. de Campos Sales (1841-1913).

O caso seguinte é o da revista *Brasil-Portugal* que resultou da colaboração de intelectuais das duas nações. Publicou-se entre 1 de Fevereiro de 1899 e 16 de Agosto de 1914, cobrindo assim o período final do “longo do século XIX” (1789-1914). A revista *Brasil-Portugal* pode igualmente ser vista, na continuidade da anterior e mal sucedida experiência da publicação da *Edição Quinzenal Ilustrada do Jornal do Brasil* (1897-1898). Tendo surgido um ano depois do final desta, contava entre os seus directores o acima referido jornalista Jaime Vítor que assegurava a continuidade entre as duas publicações. No entanto, o novo periódico tem igualmente a marca dos outros dois membros da direcção: o dramaturgo, publicista e jornalista José Lorjó Tavares (1857-1939) e o comandante Augusto Vidal de Castilho Barreto e Noronha (1841-1912). Os três foram os proprietários da revista até à morte do segundo em

⁴⁸¹ VÍTOR, Jaime, “Cartas do Rio de Janeiro – XVIII – Aquém e Além-Mar”, *Brasil-Portugal*. Lisboa, nº. 306, jan.1914, pp.373-374.

⁴⁸² BOAVENTURA, Visconde São, *A pasta de um jornalista (escritos políticos, literários e biográficos)*, Lisboa, 1908 p.9-14.

1912 e definiram o modelo inicial do *Brasil-Portugal* sendo as suas referências fundamentais no campo cultural. Todos eles partilhavam um ideário monárquico, moderado mas adoptaram inicialmente uma posição de neutralidade política, captando a colaboração e o interesse dos escritores, jornalistas e mesmo políticos, dos dois estados. Em Portugal terão o apoio distanciado de D. Carlos I e, no Brasil, do presidente Campos Sales ambos com os retratos e elogios incluídos no primeiro número da revista *Brasil-Portugal*. No caso específico de Campos Sales o elogio é feito por Augusto de Castilho, o único que se assume abertamente como monárquico. Ora uma das referências essenciais é exactamente, para além do seu passado como republicano e estadista brasileiro, a sua participação corajosa na campanha abolicionista dos anos 80 do século XIX ⁴⁸³ .

Nesta perspectiva os acontecimentos dos anos 80 em Portugal e no Brasil, não deixaram de ter um impacto natural no estabelecimento das relações de amizade e nas redes de cooperação entre os jornalistas e escritores brasileiros e portugueses, independentemente da sua filiação política no republicanismo ou na área monárquica, em torno das Comemorações do Tricentenário de Camões (1880), realizadas em Lisboa e no Rio de Janeiro e protagonizadas pelo republicano Teófilo Braga (1843-1924), mas na qual colaboraram, numa frente nacional, também os monárquicos. Algo semelhante se passou também no movimento abolicionista no Brasil. A homenagem nas páginas do *Brasil-Portugal* a Teófilo Braga vai também neste sentido. A criação da *Associação dos Jornalistas e Homens de Letras de Lisboa* nos anos 80 do século XIX teve como figura destacada o republicano luso-brasileiro Sebastião Magalhães Lima (1850-1928). Decano do jornalismo foi também responsável pela realização do *Congresso Internacional da Imprensa* realizado em Lisboa em 1898. Compreende-se assim a profunda amizade que unia os directores do *Brasil-Portugal* a Sebastião de Magalhães Lima e os fez associarem-se à sua homenagem em 1905 ⁴⁸⁴ . Ecos longínquos deste esforço colectivo da imprensa internacional e portuguesa dos finais do século XIX, vamos encontrá-los perpetuados na sugestão de Jaime Vítor para a realização de um *Congresso Internacional da Imprensa no Brasil*. Residindo e

⁴⁸³ NORONHA, Augusto Vidal de Castilho Barreto, “Dr. Campos Sales”, *Brasil-Portugal*. Lisboa, n.º1, fev.1899, p.4.

⁴⁸⁴ NORONHA, Augusto Vidal de Castilho Barreto; VÍTOR, Jaime & TAVARES, José Lorjó, “Dr. Magalhães de Lima”, *Brasil-Portugal*. Lisboa, n.º 143, jan.1905, p.745.

trabalhando no Rio de Janeiro em 1913, ao fazer o balanço das suas presenças nos sucessivos congressos internacionais ⁴⁸⁵ .

Compreende-se assim que as múltiplas solidariedades e cumplicidades jornalísticas entre as duas margens do Atlântico, expliquem a facilidade da integração das dezenas de jornalistas e escritores que emigram para o Brasil e se integram nos órgãos da imprensa brasileira nos primeiros anos da Primeira República portuguesa (1910-1926), por razões mais económicas do que políticas ⁴⁸⁶ . Nada de surpreendente considerando que vários portugueses eram correspondentes da imprensa brasileira em Lisboa como é referido nas páginas do *Brasil-Portugal*.

Os apoios da Imprensa Brasileira ao *Brasil-Portugal* nos seus anos iniciais e a facilidade com que se ergue uma vasta rede de correspondentes em Portugal, na África Colonial lusa e no Brasil mostra a existência de muitas cumplicidades e interdependências. As viagens de propaganda de Lorjó Tavares atestam sem dúvida a facilidade e perenidade dos contactos. O próprio sucesso editorial inicial no Brasil parece confirmar toda esta rede complexa de cumplicidades.

10. 1 – Revelar o Brasil, descobrir Portugal

No entanto, as alianças entre as elites culturais e empresariais de Portugal e do Brasil não podem fazer esquecer as questões políticas internas e externas de cada nação. Não se trata da existência de um confronto ideológico entre o regime monárquico português e a jovem república brasileira, mas essencialmente da necessidade de ultrapassar o conflito resultante da ruptura das relações diplomáticas entre 1894 e 1895. O asilo concedido, pelo comandante Augusto de Castilho, a bordo de navios portugueses, aos vencidos da derrota da Marinha de Guerra Brasileira (1893), no Rio de Janeiro, embora fosse um gesto meramente humanitário, deu azo a um processo em Conselho de Guerra em Portugal no qual foi ilibado, mas que o governo brasileiro considerou como uma ingerência inaceitável na vida política do

⁴⁸⁵ VÍTOR, Jaime, “Cartas do Rio de Janeiro – Aquém e Além-Mar - Os congressos internacionais da imprensa - Brasil nos Congressos – Um Congresso no Brasil?”, *Brasil-Portugal*. Lisboa, n.º 338, fev.1913, pp.22.

⁴⁸⁶ VÍTOR, Jaime, “Notas da Quinzena – Lisboa, 16 de Outubro de 1913 – Cartas do Rio de Janeiro – XV – Aquém e Além-Mar – Jornalismo português – A debandada”, *Brasil-Portugal*. Lisboa, n.º 354, fev.1913, pp.274-275.

Brasil ⁴⁸⁷ . A situação seria corrigida nos anos subsequentes, com a normalização das relações diplomáticas entre os dois estados, mas deixara resquícios. As desconfianças mútuas exigiam um esforço mais vasto de reconciliação, suscitando o aparecimento de várias publicações, vocacionadas para a aproximação entre os dois povos através da descoberta ou redescoberta das suas diferentes vivências e especificidades nacionais. Não deixa de ser sintomático o facto de que a primeira iniciativa, neste sentido tenha partido da comunidade brasileira em Portugal, lançando em 1895 o *Portugal e Brasil (1895)*, embora de efémera existência, pois só saíram quatro números nesse mesmo ano. O editorial do seu número-programa refere expressamente o conflito e, a satisfação com o reatamento das relações diplomáticas, acompanhado dos retratos dos diplomatas do conselheiro Tomás Ribeiro e Dr. Joaquim Francisco Assis Brasil, respectivamente português e brasileiro, intervenientes fundamentais neste processo de reconciliação ⁴⁸⁸ . O mesmo sucede com o edital do primeiro número, referindo a importância nas origens do periódico da resolução da crise política entre os dois países, salientando o papel no processo do Presidente do Brasil, Dr. Prudente de Moraes, inserindo o seu respectivo retrato e salientando também o seu papel no apaziguamento entre os brasileiros, concedendo uma amnistia parcial aos revoltosos de 1893 ⁴⁸⁹ .

Dois anos depois surge *A Edição Quinzenal Ilustrada (1897-1898) do Jornal do Brasil* que evita cuidadosamente tocar na questão da reconciliação entre os dois países, mas inclui no seu primeiro número, o elogio do ex-embaixador Tomás Ribeiro, de Prudente de Moraes, a propósito da tentativa de assassinio de que tinha sido vítima. Neste breve texto acompanhado do retrato do Presidente do Brasil faz-se referência à sua importância no reatamento das relações diplomáticas entre os dois estados ⁴⁹⁰ .

O aparecimento da revista *Brasil-Portugal (1899-1914)*, ilustrada e quinzenal, em 1899, não é acompanhada por uma referência tão explícita à ruptura existente no passado, embora o espírito de reconciliação esteja presente, desde o início nos esforços para aproximar as duas nações nomeadamente no plano político. O primeiro

⁴⁸⁷ CERVO, Amado Luís & MAGALHÃES José de Calvet, *Depois das Caravelas. As relações entre Portugal e o Brasil, 1808-2000*. Lisboa, Edição do Instituto Camões, 2000, pp.155-174.

⁴⁸⁸ MACEDO, Heitor de, “A Nossa Homenagem”, *Portugal e Brasil*. Lisboa, Número de Programa, 1895, p.1.

⁴⁸⁹ MENDES, Inácio, “Dr. Prudente de Moraes”, *Portugal e Brasil*. n.º 1, jun.1895 pp.1.

⁴⁹⁰ RIBEIRO, Tomás, “Prudente de Moraes”, *Jornal do Brasil: Edição Quinzenal Ilustrada*. Lisboa, n.º1, dez.1897, pp.5.

número traz duas breves biografias dos chefes de estado das duas nações onde se exprime de forma indirecta a ideia de aproximação e convivência pacífica entre os dois povos ⁴⁹¹ . O elogio do novo presidente brasileiro (01/03/1898) Dr. Campos Sales vai no mesmo sentido, remetendo necessariamente para a passagem por Portugal no seu périplo europeu após a eleição. A descrição da recepção entusiástica recebida em Portugal no término da sua viagem pelo Velho Mundo, atesta essa amizade profunda entre brasileiros e portugueses que as diferenças de regime político não podem apagar ⁴⁹² .

Além disso, Augusto Vidal de Castilho Barreto e Noronha (1841-1912), um dos directores do *Brasil-Portugal* e responsável por este esforço de aproximação, foi o oficial que comandando as corvetas *Mindelo* e *Afonso de Albuquerque* no Rio de Janeiro concedeu asilo aos derrotados da marinha brasileira em 1894 e portanto, esteve na origem da ruptura das relações diplomáticas. Contudo, os tempos são já diferentes e esse confronto do passado parece esquecido, ou desvalorizado, ao ponto da sua actuação humanitária ser valorizada positivamente neste novo relacionamento luso-brasileiro. Assim sendo, compreende-se que não exista qualquer problema para a revista em publicar uma fotografia da corveta *Mindelo* com a seguinte legenda: “Passou a 13 de Março o 5.º aniversário do asilo dado a bordo deste navio na baía do Rio de Janeiro de 500 brasileiros vencidos na revolta iniciada a 6 de Setembro de 1893.” ⁴⁹³ . De igual modo a propósito da visita do cruzador português *Adamastor* ao Brasil são referidas as homenagens prestadas pelos portugueses e brasileiros de S. Paulo e Rio de Janeiro a Augusto de Castilho exaltando a sua actuação no referido incidente ⁴⁹⁴ . A perspectiva positiva sobre a sua actuação “humanitária”, não só é partilhada pelo próprio Augusto de Castilho mas também, pela própria redacção do *Brasil-Portugal* num texto de 1905 a propósito do asilo dado pelo governo brasileiro, após a implantação da República em Portugal (05/10/1910), aos monárquicos participantes nas revoltas anti-republicanas de 1912 ⁴⁹⁵ .

⁴⁹¹ VÍTOR, Jaime, “D. Carlos I”, *Brasil-Portugal*. Lisboa, n.º 1, fev.1899, pp.3.

⁴⁹² NORONHA, Augusto Vidal de Castilho Barreto, “Dr. Campos Sales”, *Brasil-Portugal*. Lisboa, n.º 1, fev.1899, pp.5.

⁴⁹³ NORONHA, Augusto Vidal de Castilho Barreto; VÍTOR, Jaime & TAVARES, José Lorjó, “Corveta *Mindelo*”, *Brasil-Portugal*. Lisboa, n.º 4, mar.1899, pp.11.

⁴⁹⁴ VÍTOR, Jaime & TAVARES, Lorjó, “Augusto de Castilho”, *Brasil-Portugal*. Lisboa, n.º 9, jun.1899, p.8.

⁴⁹⁵ FREITAS, J. Nunes de, “Notas da Quinzena – Lisboa, 16 de Agosto de 1912”, *Brasil-Portugal*. Lisboa, n.º 326, ago.1912, p.594.

A ausência de referências posteriores ao incidente da Baía da Guanabara e respectiva ruptura diplomática foi acompanhado por um acentuar permanente das boas relações entre os dois estados até ao final da publicação em Agosto de 1914. Confirmando esta tendência o semanário *O Brasil* (1913-1914) órgão da comunidade brasileira em Portugal não faz qualquer alusão ao acontecimento ⁴⁹⁶.

No entanto, as preocupações dos periódicos luso-brasileiros da época centraram-se também nas questões relacionadas com a aproximação cultural entre os dois países que se tornaram a sua prioridade editorial. Deste ponto de vista, *O Portugal e Brasil* é mais uma vez pioneiro neste processo, salientando os aspectos de continuidade entre as duas nações: as tradições, as simpatias e os interesses. As tradições são a civilização e o cristianismo transplantados para solo brasileiro pelos portugueses, as simpatias abrangendo a língua, os usos e costumes comuns e, finalmente, os interesses caracterizados pelo enorme mercado oferecido aos produtos da indústria portuguesa. Mas, os interesses comuns implicam o desenvolvimento económico extraordinário do Brasil devido em boa parte ao engenho e trabalho eficaz dos emigrantes portugueses ⁴⁹⁷.

No caso do *A Edição Quinzenal Ilustrada (1897-1898) do Jornal do Brasil*, o editorial de abertura releva expressamente o processo de aproximação cultural e a divulgação dos escritores e artistas dos dois países ⁴⁹⁸. Assim sendo, a revista *Brasil-Portugal*, surgida em 1899, situa-se na continuidade da iniciativa desta publicação, pois no editorial de abertura elege prioritariamente esta questão, revelando o Brasil aos portugueses e mostrando Portugal aos brasileiros. Importa porém salientar a perspectiva mais abrangente do *Brasil-Portugal*, em relação à anterior publicação, pela vastidão dos temas abordados que ultrapassam largamente os aspectos literários e artísticos. A referência, sempre presente embora mitigada, às respectivas instituições políticas é ultrapassada pela divulgação do património natural e cultural, das imagens e das descrições do mundo urbano e rural dos dois países, assim como a valorização das empresas agrícolas, industriais e comerciais respectivas. Nesta perspectiva, entende-se o apelo final a uma comunidade luso-brasileira irmanada pelo sangue,

⁴⁹⁶ JÚNIOR, José Pereira Cardoso, *O Brasil: órgão dos interesses brasileiros em Portugal*. Lisboa, n.º 1, dez.1913, p.1.

⁴⁹⁷ MACEDO, Heitor, “A Nossa Homenagem”, *Portugal e Brasil*. Número de Programa, 1895, p.1

⁴⁹⁸ ALMEIDA, Fernando Mendes; VÍTOR, Jaime & Boaventura, Visconde de São, “Apresentação”, *Jornal do Brasil. Edição Quinzenal Ilustrada*. Lisboa, n.º 1, dez.1897, pp.2.

tradição e sentimento, sem esquecer os interesses económicos no comércio e na indústria ⁴⁹⁹ .

Assim sendo, torna-se compreensível o empenho dos estudantes universitários brasileiros em Portugal ao aceitarem o convite para participar activamente no *Brasil-Portugal*, participando simultaneamente num esforço para combater os preconceitos e ideias falsas reinantes em Portugal sobre o Brasil. As palavras entusiastas de um jovem académico da Universidade de Coimbra são o produto do mais puro patriotismo brasileiro, atestando a dificuldade de dar a conhecer a riqueza cultural de um país novo, emergindo com toda a pujança no universo literário e artístico europeu. Compreendem-se as suas afirmações posteriores, justificando a participação na revista, procurando alcançar a divulgação literária da cultura brasileira num público mais vasto do que o do livro, através da publicação de artigos. Visando uma opinião pública menos culta o grande objectivo dos jovens membros da *Liga dos Estudantes Brasileiros* era mudar radicalmente a visão do Brasil em Portugal demonstrando a “superioridade social, moral e intelectual da grande agremiação que se chama Pátria Brasileira” ⁵⁰⁰ . Durante a sua longa existência que só terminará nas vésperas da Primeira Guerra Mundial (1914-1918) em Agosto de 1914 a revista *Brasil-Portugal* esforçar-se-á por levar a cabo o programa com sucesso variável na sua realização. Nos dois casos o objectivo principal é uma aproximação entre os escritores, jornalistas, autores, homens de cultura dos dois países e respectivos públicos. A preocupação com o reforço dos laços culturais desta “irmandade” luso-brasileira tem múltiplas origens, incluindo o reforço da língua portuguesa e das literaturas partilhando a língua comum face à competição de terceiros ou seja, o mundo francófono e anglófono e a partilha dos mercados nacionais.

Apesar de todo este empenho o êxito destes esforços, pelo menos no plano da divulgação da cultura brasileira em Portugal, parece ter ficado longe de atingir os seus objectivos. O testemunho do jornal *O Brasil* (1913-1914), defensor dos interesses brasileiros em Portugal, no contexto político já da Primeira República portuguesa (1910-1926), parece confirmar esta asserção no seu editorial de abertura. A comunidade cultural formada pelas duas nações e a adopção do mesmo tipo de regime republicano justifica a existência de uma identidade comum, embora partilhada de

⁴⁹⁹ NORONHA, Augusto Vidal de Castilho Barreto, VÍTOR, Jaime & TAVARES, Lorjó, “A Nossa Apresentação”, *Brasil-Portugal*. Lisboa, n.º 1, fev.1899, pp.2.

⁵⁰⁰ GAMA, António, “Liga dos Estudantes Brasileiros em Portugal – Pró Pátria – Coimbra 4 de Junho de 1899”, *Brasil-Portugal*. Lisboa, n.º 10, jun.1899, pp.2.

forma desequilibrada entre os dois povos. Ou seja, os brasileiros têm uma vivência da realidade portuguesa superior à dos portugueses e expressa de forma, sem dúvida exagerada, na ideia de que no Brasil, Portugal está no coração de todos. Assim sendo, o objectivo não é só informar a comunidade brasileira em Portugal, mas “popularizar” o Brasil, utilizando como meio a imprensa para fazer chegar a todos os cantos de Portugal a nova realidade brasileira emergente, dominada pelos valores da civilização e do progresso⁵⁰¹.

10. 2 – Os grandes momentos

Nas páginas da *Edição Quinzenal Ilustrada* existe uma preocupação constante em noticiar os principais acontecimentos de Portugal, do Brasil e da França e de fazer comentários críticos ou de simples observações. O “tempo” político dos eventos não é o mesmo nos três países, sendo perceptíveis significativas *décalages* que obedecem aos ritmos específicos de cada um. Na prática, tornam visível a existência de diferentes formas da evolução de cada sociedade, não redutível a uma única história definida por uma bitola europeia. A conjuntura política portuguesa de 1897 e 1898 é marcada por um forte pendor nacionalista propiciado pelo culto de Mousinho de Albuquerque (1897) e pela Comemoração do Centenário da Índia (1898). O primeiro traduz o renovar da epopeia colonial em África e o segundo o reavivar da época de ouro dos descobrimentos portugueses do século XV. Nas zonas urbanas estas iniciativas tiveram um forte impacto no mundo popular, tendo contribuído decisivamente para a reconstrução da identidade nacional. O processo era especialmente importante, pois permitia superar o traumatismo colectivo provocado pelo Ultimato inglês de 1890. A disputa dos republicanos e dos monárquicos pelo poder implicava a redefinição do imaginário colectivo sem a qual era impossível inventar o futuro. O patriotismo redentor de Mousinho de Albuquerque será celebrado por todos desde o primeiro número do periódico. Assim será o caso do jornalista e dramaturgo Carlos de Moura Cabral (1852-1922) ao sair em sua defesa num artigo intitulado “O Herói de Chaimite”, onde se apela ao patriotismo nacional⁵⁰². A unanimidade em torno da sua figura explica o facto de que a publicação, embora

⁵⁰¹ JÚNIOR, José Pereira Cardoso, [Editorial], *O Brasil: órgão dos interesses brasileiros em Portugal*. Lisboa, n.º1, dez.1913, p.1

⁵⁰² CABRAL, Carlos de Moura, “O Herói de Chaimite”, *Jornal do Brasil. Edição Quinzenal Ilustrada*. Lisboa, n.º1, dez.1987, pp.2.

contando com muitos colaboradores ligados ao partido regenerador, abra as suas páginas ao republicano luso-brasileiro Sebastião de Magalhães Lima (1850-1928). Presidindo à Comissão do Centenário da Índia é a pessoa mais indicada para fazer a síntese entre os dois “factos” num artigo significativamente intitulado “Pro Pátria”⁵⁰³. O entusiasmo patriótico pelas epopeias do passado e do presente contrasta com a visão pessimista de um país condenado à nulidade mais absoluta. O artigo de fundo geralmente escrito por Jaime Vítor, o texto de análise política assinado por José Azevedo Castelo Branco (1852-1923) e as contribuições esporádicas de Luciano Baptista Cordeiro de Sousa (1844-1900) ou Carneiro de Moura (1868-1900) atestam o desespero perante a perspectiva da decadência irremediável de Portugal. As análises oriundas destes membros da classe política, ligados ao partido regenerador, testemunham o esgotamento do rotativismo monárquico e a incapacidade de passar da crítica à construção de uma alternativa credível dentro do sistema.

No caso do Brasil a situação é diferente, pois encontramos um período de estabilização política da República Velha (1889-1930), coincidente com as presidências de José de Morais e Barros Prudente (1894-1898) e de Manuel Ferraz de Campos Sales (1898-1902). Os directores da *Edição Quinzenal Ilustrada* estão preocupados em transmitir aos leitores a imagem de um país onde as instituições funcionam normalmente. O tempo da guerra civil, da ingerência militar e do governo ditatorial de Floriano Peixoto (1891-1894), pertencia definitivamente ao passado⁵⁰⁴. A tentativa falhada do assassinio de Prudente de Morais (05/11/1897) permite a Tomás Ribeiro (1831-1901) elogiar o governo consensual e pacífico do presidente. O escritor, tendo sido embaixador no Rio de Janeiro em 1895, no momento difícil do restabelecimento das relações diplomáticas, interrompidas em 1893, era uma testemunha directa das suas qualidades como homem e governante⁵⁰⁵. O caso mais relevante é de Joaquim Francisco Assis Brasil (1857-1938) embaixador brasileiro em Lisboa (1895-1898). O antigo governador do Rio Grande do Sul é alvo de constantes elogios por parte dos escritores portugueses, devido ao facto de ter sido um dos artífices do reatamento diplomático em 1895. No entanto, as suas obras no campo da teoria política sobre o sistema democrático e republicano são especialmente

⁵⁰³ LIMA, Sebastião, “Pró-Pátria”, *Jornal do Brasil. Edição Quinzenal Ilustrada*, Lisboa, n.º1, dez.1987, pp.4.

⁵⁰⁴ RIBEIRO, Tomás, “Prudente de Morais”, *op. cit.*, pp.5 e também VÍTOR, Jaime & BOAVENTURA, Visconde de São, “Dr. M. F. de Campos Sales”, *op. cit.*, n.º3, jan.1898, pp.4.

⁵⁰⁵ RIBEIRO, Tomás, “Prudente de Morais”, *op. cit.*, N.º 1, dez.1897, pp.5

valorizadas. Ramalhão Ortigão, uma das figuras mais carismáticas da Geração de 70, analisa esta vertente da sua actividade política, salientando a explicitação das instituições políticas brasileiras⁵⁰⁶. No fim de contas trata-se de fazer o elogio da evolução do regime republicano num sentido liberal, identificando-se positivamente com as suas principais figuras. A França dos anos 90 do século XIX é marcada do ponto de vista político pelo Caso Dreyfus e pelo processo de Émile Zola, largamente noticiados. A redacção do periódico alinha com os *dreyfusards* na defesa dos direitos dos homens, na condenação da perseguição aos judeus e na recusa de todo e qualquer militarismo⁵⁰⁷.

No caso do *Brasil-Portugal* as oscilações na orientação resultam sem dúvida da maior ou menor capacidade de enraizamento no público português e no público brasileiro e luso-brasileiro, mas igualmente no público das colónias portuguesas de África ou seja, entre os colonos lusos. A definição de períodos específicos na longa evolução da revista resulta de um complexo jogo de equilíbrio entre estes diferentes públicos podendo definir-se uma maior importância para o Brasil equiparando-se ou ultrapassando o de Portugal e a relativa insignificância do público colonial nos quatro anos iniciais entre 1899 e 1903. É também o período em que o programa inicial do *Brasil-Portugal* é melhor cumprido, com grande relevância para a divulgação numa situação de igualdade das realidades políticas, literárias, artísticas, económicas e patrimoniais, dos dois países, mas igualmente da Europa com especial destaque para a cultura francesa. Num segundo período, os anos que vão de 1904 a 1908, estamos perante um nítido enfraquecimento da presença brasileira, pelo menos no plano cultural, face à valorização dos temas nacionais e num plano inferior o colonial. A transformação em 1906 da *Ilustração Portuguesa*, dirigida desde a sua origem pelo escritor Carlos Malheiro Dias numa revista ilustrada de grande qualidade gráfica, capaz de ultrapassar o nível alcançado pelo *Brasil-Portugal* e centrando-se em assuntos nacionais e coloniais, constitui sem dúvida um grande desafio que provavelmente explica o recentrar das suas prioridades editoriais no plano interno. Seja como for, a presença brasileira literária e artística continua a ser relevante e a permitir ao leitor um contacto com uma outra realidade cultural e social. As crescentes tensões políticas entre republicanos e monárquicos ainda não são relevantes, embora a partir de 1906 a presença de vultos assumidamente republicanos

⁵⁰⁶ ORTIGÃO, José Duarte Ramalho, “Assis Brasil”, *op. cit.*, n.º 3, jan.1898, pp.5.

⁵⁰⁷ Anónimo, [Correspondência de Paris], *op. cit.*, n.º6, mar.1898, p.6.

nas páginas da revista como Teófilo Braga provoque um desacordo momentâneo entre, por uma lado Lorjó Tavares e Jaime Vítor seus amigos e Augusto de Castilho seu intransigente adversário⁵⁰⁸.

A grande viragem dá-se com o Regicídio do rei D. Carlos I e do príncipe herdeiro Luís Filipe em 1908 às mãos da Carbonária republicana e anarquista. A publicação assume uma marca claramente monárquica em torno da promoção e popularização do culto da família real e do jovem rei D. Manuel II. As ligações de amizade e cumplicidade face aos políticos republicanos mais moderados como Manuel Arriaga, Teófilo Braga ou Sebastião Magalhães de Lima, oriundos do mesmo meio jornalístico e literário, explicam a sua sobrevivência à implantação da República a 5 de Outubro de 1910. Os primeiros anos da Primeira República não foram pacíficos assumindo a defesa da oposição monárquica e por vezes operária e da ligação nacional à colónia portuguesa do Brasil face às novas autoridades republicanas. As “incursões” monárquicas de Paiva Couceiro em 1911 e 1912, acompanhadas de um aumento da tensão política antimonárquica e anticatólica, em 1913-1914 devido à pressão do radicalismo republicano do P.R.P, vulgo Partido Democrático, de Afonso Costa, torna problemática a sua existência. Os ataques dos membros da Carbonária à imprensa monárquica e católica, com o assalto e empastelamentos dos respectivos periódicos e a conivência ou passividade das autoridades policiais ou políticas são constantes. Compreende-se assim a partida de Lorjó Tavares em 1911 para o Brasil e no ano seguinte de Jaime Vítor para o Rio de Janeiro. A morte do almirante Augusto de Castilho em 1912 deixa a revista sem os seus directores e fundadores numa situação politicamente difícil. O *Brasil-Portugal* passa a ser redigido em Portugal por J. Nunes de Freitas, chefe do escritório, nos anos de 1913 e 1914, acompanhado por uma rarefacção da publicidade e dos colaboradores, provavelmente intimidados pelos bandos da Carbonária e dos grupos paramilitares republicanos. Apesar de tudo, a revista esforça-se esporadicamente por incluir autores brasileiros até ao fim, mesmo quando as páginas de publicidade com a inscrição “vago” se multiplicam e anunciam o seu fim eminente em Agosto de 1914.

Contudo, existem marcos fundamentais no processo de diálogo entre os dois países que não se resumem à colocação do retrato dos chefes de estado do Brasil e de Portugal nas primeiras páginas do primeiro número do *Brasil-Portugal*,

⁵⁰⁸ NORONHA, Augusto Vidal de Castilho Barreto; VÍTOR, Jaime & TAVARES, Lorjó, *Brasil-Portugal*. Lisboa, “Declaração”, n.º 172, mar.1906, pp.50.

acompanhadas de uma breve biografia. Existem momentos de confluência política e cultural que emergem ao longo da publicação da revista e procuram definir uma memória comum. O primeiro é sem dúvida o das Comemorações do 4.º Centenário do Descobrimento do Brasil em 1900, dando origem a um conjunto de iniciativas destinadas a aproximar os dois povos. A questão coloca-se logo no primeiro número, noticiando a viagem do conselheiro Ferreira do Amaral ao Brasil, comandando o cruzador blindado *Adamastor* com uma significativa fotografia com um grupo de portugueses no Rio de Janeiro ⁵⁰⁹. A presença de Ferreira do Amaral é reforçada com a sua fotografia no Alto do Corcovado e um comentário positivo da recepção no Brasil ⁵¹⁰. No entanto, o mais importante é a notícia de que D. Carlos foi convidado para presidir às comemorações pela Associação do Centenário do Descobrimento do Brasil ao lado do presidente Campos Sales ⁵¹¹.

Seguem-se numerosas descrições da excelente recepção que o navio vai tendo nos diversos pontos que toca da costa brasileira como acontece em Belém no Pará ou em S. Paulo. O regresso do navio será saudado triunfalmente, não tanto pela viagem que realizou, mas pelo duplo simbolismo que lhe está associado: os Lusíadas e o Ultimato inglês de 1890. Ou seja, o cruzador blindado tinha sido comprado por subscrição pública, no qual participaram também emigrantes portugueses no Brasil, num acto de afirmação patriótica face ao que era considerado uma afronta britânica. Numa descrição lírica Ramalho Ortigão saúda entusiasticamente este acontecimento relembrando o passado histórico nacional longínquo e recente, como um sinal do ressurgir da pátria ⁵¹². Será assim natural o aparecimento de um *Número Extraordinário do Brasil-Portugal* dedicado às Comemorações do 4.º Centenário do Descobrimento do Brasil. O editorial desse *Número Extraordinário* traduzirá de forma entusiástica os objectivos da comunhão cultural entre os escritores e artistas dos dois lados do Atlântico em torno da memória comum da Descoberta do Brasil ⁵¹³. A importância deste acontecimento fará com que o *Brasil-Portugal* ofereça gratuitamente aos seus assinantes como brinde o *Número Extraordinário* nos fins de Março de 1900 em Portugal e em finais de Abril do mesmo ano no Brasil. A

⁵⁰⁹ NORONHA, Augusto Vidal de Castilho Barreto e, VÍTOR, Jaime & TAVARES, José Lorjó, “Ferreira do Amaral no Rio de Janeiro”, *Brasil-Portugal*. Lisboa, n.º 1, fev.1899, pp.10.

⁵¹⁰ NORONHA, Augusto Vidal de Castilho Barreto e; VÍTOR, Jaime e TAVARES, José Lorjó, “No Alto do Corcovado”, *Brasil-Portugal*. Lisboa, n.º2, fev.1899, pp.1

⁵¹¹ ORTIGÃO, Ramalho, “Crónica Eléctrica”, *Brasil-Portugal*, Lisboa, n.º 2, fev.1899, pp.2.

⁵¹² ORTIGÃO, Ramalho, “Crónica Eléctrica”, *Brasil-Portugal*, Lisboa, n.º 7, mai.1899, pp.2.

⁵¹³ NORONHA, Augusto Vidal de Castilho Barreto e, VÍTOR, Jaime & TAVARES, José Lorjó, *Brasil-Portugal*. “[Editorial]”, Lisboa, Número Extraordinário do Brasil-Portugal. Lisboa, pp.1.

publicação do *Número Extraordinário* pela revista, é saudado de forma efusiva marcando um primeiro grande sucesso editorial da revista *Brasil-Portugal*. A participação do próprio *Brasil-Portugal* está assegurada no Sul do Brasil onde terão lugar os festejos, através de dois dos seus representantes, Álvaro Pinheiro Chagas e Lorjó Tavares.

A solenidade do acontecimento é marcada pela saudação do *Brasil-Portugal* aos festejos no Brasil e a partida do novo cruzador D. Carlos, lançado em 1899, símbolo da regeneração nacional e da marinha de guerra, no seguimento do programa de rearmamento naval do ministro da marinha Jacinto Cândido. Assim sendo, compreende-se a relevância dada à partida deste navio de guerra, levando a bordo o general Francisco Maria da Cunha com duas páginas de fotografias intituladas significativamente: “Centenário do Descobrimento. O Cruzador D. Carlos, momentos antes de sair do Tejo.” e a relevância conferida à sua recepção no Brasil ⁵¹⁴. As sessões realizadas na Sociedade de Geografia, em Lisboa, com um tom mais oficial, nomeadamente a sessão real, são largamente referidas nas páginas do *Brasil-Portugal*.
515

O convite do presidente brasileiro Afonso Pena ao rei D. Carlos I em 1907 para visitar o Brasil, no contexto das Comemorações do Centenário da abertura dos portos brasileiros e Exposição do Rio de Janeiro de 1908, ganha especial relevo nas páginas do *Brasil-Portugal* ⁵¹⁶. A importância deste projecto é tal que leva Lorjó Tavares a partir de novo para o Brasil para fazer uma cobertura extensa da viagem do rei português ⁵¹⁷. O projecto foi posto em causa pelo Regicídio de 1908 tornando impossível a presença de um monarca português no Rio de Janeiro, pois o jovem D. Manuel II (1908-1910) tentava garantir a sobrevivência da monarquia em declínio em Portugal. As páginas do *Brasil-Portugal* principalmente da segunda metade de 1908 e primeira metade do ano seguinte são totalmente dominadas pelo acontecimento com numerosos artigos, gravuras e fotografias descrevendo pormenorizadamente os

⁵¹⁴ NORONHA, Augusto Vidal de Castilho Barreto e, VÍTOR, Jaime e TAVARES, José Lorjó, “Centenário do descobrimento do Brasil – O cruzador D. Carlos no Rio de Janeiro – Chegada do general Francisco Maria da Cunha”, *Brasil-Portugal*. Lisboa, N.º 33, jun.1900, pp.138-139.

⁵¹⁵ NORONHA, Augusto Vidal de Castilho Barreto e, VÍTOR, Jaime & TAVARES, José Lorjó, “Centenário do descobrimento do Brasil – Na Sociedade de Geografia de Lisboa”, *Brasil-Portugal*. Lisboa, n.º 32, mai.1900, pp.116-117.

⁵¹⁶ NORONHA, Augusto Vidal de Castilho Barreto e, VÍTOR, Jaime & TAVARES, José Lorjó, “Viagem do Rei de Portugal ao Brasil”, *Brasil-Portugal*. Lisboa, n.º 200, mai.1907, pp.117.

⁵¹⁷ TAVARES, José Lorjó & NORONHA, Augusto Vidal de Castilho Barreto e, “Lorjó Tavares”, *Brasil-Portugal*. Lisboa, n.º 215, jan.1908, pp.363-364.

múltiplos pavilhões dos diversos estados brasileiros e a excelente organização que a torna num acontecimento de dimensão internacional. A direcção não deixa de aderir entusiasticamente num editorial que expressa a sua visão do acontecimento. As comemorações do Descobrimento do Brasil (1500-1900) são consideradas como tendo continuidade nas comemorações da abertura dos portos do Brasil ao mundo por D. João VI (1808-1908)⁵¹⁸. Além disso o facto da revista *Brasil-Portugal* ter recebido uma medalha na referida exposição não deixa de reforçar o interesse pelo acontecimento. O anúncio de um “Grande Álbum de Expositores, Exportadores e outros anunciantes da Empresa do “Brasil-Portugal” presentes na Exposição Nacional do Rio de Janeiro de 1908 e a sua posterior publicação atestam a importância dada ao acontecimento pelo *Brasil-Portugal*.

10.3 – O intercâmbio cultural

Na *Edição Quinzenal Ilustrada* a acção de Assis Brasil, o Caso de Dreyfus, o processo de Zola, a figura de Mouzinho de Albuquerque, demonstram como é ténue a linha de separação entre política e literatura. A literatura por si só tem o seu espaço assegurado nas páginas desta revista ilustrada, embora de forma desigual no referente a cada país. A presença de escritores portugueses é avassaladora face aos contributos dos seus homónimos brasileiros e franceses. Os colaboradores portugueses representavam as mais variadas correntes da literatura nacional, mas os poetas eram os mais numerosos. No caso brasileiro a questão coloca-se de maneira diferente, porque os textos publicados são essencialmente alguns poemas da autoria de Luís Guimarães, de Luís Guimarães Filho e de Assis Brasil. A divulgação de autores brasileiros tem algum eco, como o poeta romântico Bernardo Guimarães cujo elogio é feito pelo Visconde de S. Boaventura. O jornalista Francisco José Teixeira Bastos (1857-1902) crítica o desconhecimento nacional da literatura brasileira, num comentário ao livro do poeta e jurista José Isidoro Martins Júnior (1860-1904), intitulado: “História do Direito Natural” (1895). O idioma partilhado era o ponto de partida ideal para a unidade literária dos dois povos, embora constituindo ramos separados.

⁵¹⁸ NORONHA, Augusto Vidal de Castilho Barreto e; VÍTOR, Jaime & TAVARES, José Lorjó, “O Rio de Janeiro e a Exposição Nacional de Brasil”, *Brasil-Portugal*. Lisboa, n.º 231, set.1908, pp.226.

A *Edição Quinzenal Ilustrada* tem uma especial predilecção pela divulgação dos autores, textos e notícias da França. Considerada, então, um dos expoentes culturais da época a literatura francesa era uma referência obrigatória para as produções literárias europeias e americanas. Naturalmente a revista ilustrada incorporava, nas suas páginas, textos e informações sobre a vida social, política e cultura gaulesa, apesar da sua presença ser minoritária perante os contributos portugueses e brasileiros. Os textos são da autoria de Alphonse Daudet (1840-1897) e de Charles Pierre Monselet (1825-1880)⁵¹⁹. O anúncio da tradução do *Rei de Paris* de Georges Ohnet (1848-1918), pelo Visconde de São Boaventura, no último número da revista insere-se no mesmo complexo de preocupações. Neste grupo de escritores é dada especial relevância a Jules Verne (1828-1905), e a Émile Zola (1840-1902), valorizados politicamente pela actuação, moralmente exemplar, no *Caso Dreyfus*, sem que qualquer obra ou excerto de ambos tenha sido publicado. Assim sendo, a presença da literatura francesa, embora importante, tende a centrar-se em autores de maior impacto popular como Daudet, Ohnet ou Zola.

No caso da revista *Brasil-Portugal* as ambições do projecto são mais vastos apresentando-se desde o início com um conjunto bem vasto de colaboradores, embora essencialmente lusos. Assim sendo, compreende-se o aparecimento nos princípios de 1900 nas páginas da revista de uma vasta lista de escritores com destaque especial para os do Brasil com a promessa da sua colaboração nos próximos números. O objectivo consistia em compensar a presença, até aí esporádica dos autores portugueses, mas principalmente de brasileiros e europeus⁵²⁰. Questão preocupante para a publicação, pois ameaçava a realização dos seus objectivos, agravada pela ausência no *Número Extraordinário* de nomes destacados da cultura brasileira destinados a comemorar o 4.º Centenário dos Descobrimentos nos finais de Março de 1900⁵²¹. Assim sendo, compreende-se do lado português a satisfação em referir que Ramalho Ortigão responsável pela “Crónica Eléctrica” se torna um membro efectivo da redacção da

⁵¹⁹ MONSELET, Charles Pierre, “A carta de recomendação”, *op. cit.*, n.º 3, jan.1898, pp.4 & DAUDET, Alphonse, “A morte do Delfim”, *op. cit.*, n.º 6, mar.1898, pp.4.

⁵²⁰ NORONHA, Augusto Vidal de Castilho Barreto e; VÍTOR, Jaime & TAVARES, José Lorjó, “Nos números a seguir publicará artigos, contos ou versos, firmados pelos seguintes ...”, *Brasil-Portugal*. Lisboa, n.º 23, jan.1900, pp.8.

⁵²¹ NORONHA, Augusto Vidal de Castilho Barreto e, VÍTOR, Jaime & TAVARES, José Lorjó, “[Editorial]”, *Brasil-Portugal*. Lisboa, Número Extraordinário do Brasil-Portugal, s/d, p.1

publicação ⁵²². No caso brasileiro o início da publicação dos trabalhos de Péthion de Vilar, pseudónimo do escritor brasileiro Egas Moniz de Aragão em meados de Março de 1900 parece ser um primeiro anúncio positivo de uma futura colaboração brasileira mais relevante. De certa forma, a presença constante nas páginas da revista ao longo de uma boa parte da existência da publicação torna-o um símbolo internacional da literatura brasileira como se pode ver pelas referências que lhe são feitas ⁵²³. Os anos que decorrem da sua fundação em 1899 até 1903 assistem a um esforço crescente para reforçar a componente artística e cultural do *Brasil-Portugal* com uma maior presença de autores brasileiros ao lado dos portugueses e dos franceses. Deste ponto de vista, trata-se, paradoxalmente, do mesmo modelo da *Edição Ilustrada*, mas ampliado com maior qualidade gráfica e técnica e um número superior de participantes, embora os gostos dos directores sejam os mesmos. Depois deste período a presença brasileira e francesa mantém-se de forma permanente, mas nota-se apesar do esforço da revista uma presença mais esporádica e menos consistente face aos autores portugueses, resultante provavelmente de uma maior recentragem no público português e luso-brasileiro.

Contudo, no plano da divulgação literária e artística, o *Brasil-Portugal* tem mais sucesso, pelo menos nos seus anos iniciais até 1903. Não só retoma a marca *dreyfusard* da *Edição Ilustrada* e a fixação pelo mundo da cultura e a política francesa, bem presente em diversos artigos e nas “Crónicas de Paris” de Silva Lisboa, mas preocupa-se em divulgar outras tendências da literatura europeia, como seja o teatro escandinavo e, sobretudo, Ibsen através dos artigos de Freitas Branco. No entanto, a literatura e arte brasileiras são as grandes beneficiadas neste esforço de divulgação, através dos múltiplos artigos sobre as poetisas brasileiras da autoria de Alberto Pimentel que têm também um papel de destaque no *Número Extraordinário* de finais de Março de 1900. Uma divulgação mais profunda e exaustiva é feita pelo escritor Carlos Malheiro Dias, no referido *Número Extraordinário*, publicando um resumo alargado da literatura e, de certa maneira, da filosofia brasileiras que se pode classificar como uma lição excepcional pela qualidade e quantidade da informação fornecida e a análise dos diversos escritores, no artigo intitulado “Geração Nova”

⁵²² NORONHA, Augusto Vidal de Castilho Barreto e; VÍTOR, Jaime & TAVARES, José Lorjó, “Nos números a seguir publicará artigos, contos ou versos, firmados pelos seguintes ...”, *Brasil-Portugal*. Lisboa, n.º 23, jan.1900, pp.8.

⁵²³ NORONHA, Augusto Vidal de Castilho Barreto e; VÍTOR, Jaime & TAVARES, José Lorjó, “Dr. Egas Moniz Barreto de Aragão (Pethion de Villar)”, *Brasil-Portugal*. Lisboa, n.º31, mai.1900, pp.104.

onde se descreve com orgulho o nascimento de uma literatura nacional brasileira tão moderna como a europeia, mas capaz de se libertar dos estereótipos ocidentais e encontrar de forma independente a forma de expressar a complexa realidade brasileira⁵²⁴.

No mesmo sentido vão os três artigos do escritor paulista Leopoldo de Freitas analisando o romance e a poesia do Brasil, desde o período romântico, coincidindo *grosso modo* com a independência do Brasil no século XIX, mas fazendo algumas incursões nos séculos XVII e XVIII. Contudo, os seus três artigos percorrem o período decorrido a partir daí, analisando as correntes realistas e às tendências mais modernas, numa busca constante de um “sentimento” brasileiro autêntico em contacto com a realidade nacional⁵²⁵. Poderemos finalizar este esforço de divulgação e de esclarecimento da riqueza e originalidade da cultura brasileira, referindo-nos aos textos de Jaime Vítor, escritos no Brasil em 1912 e 1913, sobre a naturalização do teatro português e brasileiro; ao defender especificamente a nacionalização do teatro brasileiro, separando-o do português e do europeu e apoiando as primeiras iniciativas realizadas com este objectivo. É então alvo de ataques e invectivas mesmos “chocarreiras”, nos jornais daqueles que consideravam que todo o teatro, como tudo mais, tinha de ser importado do exterior. A defesa da independência do teatro nacional, coloca-o, juntamente com os autores acima referenciados, na linha de emergência do reforço da identidade nacional brasileira através do desenvolvimento da autonomia cultural brasileira⁵²⁶.

A *Edição Quinzenal Ilustrada (1897-1898) do Jornal do Brasil* e a revista *Brasil-Portugal (1899-1914)* permitem-nos percorrer o período que dos finais do século XIX (1897) até ao início da Primeira Guerra Mundial (1914), protagonizou as profundas transformações civilizacionais de uma nova sociedade de massas e as esperanças optimistas de um novo século, tragicamente destruídas pelo conflito mundial. Testemunham, de forma exemplar, a enorme complexidade das relações

⁵²⁴ DIAS, Carlos Malheiro, “A Geração Nova no Brasil”, *Brasil-Portugal*. Lisboa, Número Extraordinário do Brasil-Portugal, s/d, pp.77-78.

⁵²⁵ FREITAS, Leopoldo, “Romance e Poesia Brasileira I”, *Brasil-Portugal*. Lisboa, n.º 70, dez.1901, pp.334; FREITAS, Leopoldo, “Romance e Poesia Brasileira II”, *Brasil-Portugal*. Lisboa, n.º 71, jan.1902, pp.362-363 e FREITAS, Leopoldo, “Romance e Poesia Brasileira III”, *Brasil-Portugal*. Lisboa, n.º 72, jan.1902, pp.374-378.

⁵²⁶ VÍTOR, Jaime, “Notas da Quinzena – Lisboa, 1 de Dezembro de 1912 – Cartas do Rio de Janeiro – III – O Teatro – A sua nacionalização em Portugal e Brasil”, *Brasil-Portugal*. Lisboa, n.º 333, dez.1912, pp.706-707 e VÍTOR, Jaime, “Notas da Quinzena – Lisboa, 1 de Janeiro de 1913 – Cartas do Rio de Janeiro – IV – O Teatro – A sua nacionalização no Brasil”, *Brasil-Portugal*. Lisboa, n.º 335, jan.1913, pp.738.

culturais entre os dois lados do Atlântico numa época de crescente sofisticação tecnológica da imprensa e da edição livreira. O caso das revistas ilustradas luso-brasileiras referidas, demonstram a existência de equívocos e ilusões sobre as diferentes realidades nacionais, mas também os pontos de contacto e de colaboração num universo literário cosmopolita, no qual as cidades como Lisboa e sobretudo o Rio de Janeiro, S. Paulo e Paris se incluíam nos múltiplos cadinhos da globalização cultural.

Referências Bibliográficas:

ALMEIDA, Fernando Mendes de; VÍTOR, Jaime & BOAVENTURA, Visconde de São, *Jornal do Brasil: Edição Quinzenal Ilustrada*, Lisboa, Mendes & Cia, 1897-1898.

BOAVENTURA, Visconde São, *A pasta de um jornalista (escritos políticos, literários e biográficos)*, Lisboa, Parceria António Maria Pereira, Livraria Editora, 1908 p.9-14

CERVO, Amado Luís & MAGALHÃES José de Calvet, *Depois das Caravelas. As relações entre Portugal e o Brasil, 1808-2000*. Lisboa, Edição do Instituto Camões, 2000, pp.155-174.

JEUNE, Simon, “Les revues littéraires”. In: CHARTIER, Roger & MARTIN (orgs.). *Histoire de l'édition française.*, Vol. III *Le temps des éditeurs. Du romantisme à la Belle époque*. Paris, Fayard/Promodis, 1990, pp.455-460.

JÚNIOR, José Pereira Cardoso, *O Brasil: órgão dos interesses brasileiros em Portugal*, Lisboa, Almeida Campos, 1913-1914.

LEYMARIE, Michel, “Introduction. La belle époque des revues?”. In: PLEUT-DESPATIN, Jacqueline; LEYMARIE, Michel & MOLLIER, Jean-Yves (orgs.). *La Belle Époque des Revues 1880-1914*, Versailles Saint-Quentin-en-Yvelines, Éditions de L'IMEC, 2002, pp. 9-25.

MACEDO, Heitor, *Portugal e Brasil. Órgão da Colónia Brasileira em Portugal*. Lisboa, Editor Paulo Fonseca, 1895.

MOLLIER, Jean-Yves, “L'émergence de la culture de masse dans le monde”. In: MOLLIER, Jean-Yves; SIRINELLI, Jean-François, VALLOTTON, François (orgs.). *Culture de masse et culture médiatique en Europe et dans les Amériques 1860-1940*, Paris, Presses Universitaires de France, 2006, pp.65-80

NORONHA, Augusto Vidal de Castilho Barreto e; VÍTOR, Jaime & TAVARES, José Lorjó, *Brasil-Portugal*, Lisboa, Companhia Nacional Editora, 1899-1914.

NORONHA, Augusto Vidal de Castilho Barreto e; VÍTOR, Jaime & TAVARES, José Lorjó, *Brasil-Portugal. Número Extraordinário*, Lisboa, Companhia Nacional Editora, 1900.